

AFETO: NOS FIOS DOS BASTIDORES DA SALA DE AULA
FARIAS, Maria de Lourdes Soares Ornellas – UEBA
GT-20: Psicologia da Educação
Agência Financiadora: PROFORTE

“- *Mas fala comigo, titia. Estou com medo!*
- *Porque? De que adiantar isso? Tu não está me vendo.*
- *Se alguém fala, fica mais claro.*”
(FREUD, 1917. p. 474)

Escrever é uma tarefa não conclusa, que se impõe tanto ao autor como ao leitor, e faz parte desse ato a evidência de que, ao escrever, um imaginário se descortina revelando que estamos sendo olhados por um possível leitor, indagando a cada letra desde seu próprio silêncio. É por isso que na escrita o sujeito se tece e se engendra. Princípiar este estudo é convidar o leitor a uma constante rede de sentidos, na busca de encontrar respostas e assim, uma pergunta emerge:

Que lugar e posição teriam as representações sociais de professores de fala e escuta em sala de aula e como os suportes psicanalíticos permitiriam contribuir na análise.

O contexto em que esse problema está enfocado refere-se ao espaço de sala de aula em que o professor fala. O sujeito se constitui na fala e pela falta. É porque falta que o sujeito fala. Este é um lócus privilegiado para a psicanálise, na medida em que faz operar o divórcio entre o significante e o significado, possibilitando que o sujeito se constitua. A fala implica um buraco no silêncio e esse véu faz semblante na fala do sujeito.

Demarcar o lugar e posição dessas falas do professor me instiga a definir o objetivo deste estudo:

Analisar diferentes significantes que a fala e a escuta revelam em sala de aula, a partir do referencial da psicanálise.

A demanda feita neste escrito busca fazer emergir um encontro das falas de professores sobre fala e escuta, com a finalidade de pensar como estas (entre) laçam-se na sala de aula. Isto significa percorrer um caminho para conhecer o discurso do professor, a fim de analisá-lo e encontrar significantes, na busca de encontrar a primazia do simbólico para também entender o eco. Se Descartes, inaugura o sujeito que tem na sua experiência o *penso logo existo*, Lacan (1978) vai dizer: *Penso onde não sou, portanto sou onde não me penso.*

Educação e psicanálise: um laço possível?

Freud acalentava um sonho de que a psicanálise pudesse um dia vir a contribuir com a sociedade como um todo e, especialmente, com a educação; acompanhava os movimentos sociais e sempre estimulava que a psicanálise pudesse estender-se a outras áreas do conhecimento. A partir daí a psicanálise ainda que sutilmente, ousou adentrar os muros da escola.

A psicanálise por sua vez não tem receitas sobre o que deve ser feito na escola, mas reflete sobre o que tem sido feito, vez que pode contribuir na escuta do discurso do professor e do aluno. Articular psicanálise e educação é um grande desafio, e o fato de a psicanálise se oferecer como um importante fundante do instrumento da escuta é o que nos possibilita, muitas vezes, contribuir para a leitura do mal-estar vivido pelo professor no contexto educativo.

O mal-estar na escola tem diversas faces para serem olhadas e pensadas: é como se olhássemos um cubo, que tem seis faces, como sabemos, mas só podemos, de um determinado lugar, ver três faces, é necessário que nos desloquemos para que vejamos todas as faces.” (OUTEIRAL; CEREZER, 2003. p.1)

É pela escuta cuidadosa dos sintomas presentes no mal-estar na sala de aula, por parte do professor, é que penso que algumas fronteiras são possíveis entre psicanálise e educação.

É preciso, pois escutar o ambiente transferencial de sala de aula, lugar no qual acontece o ato educativo. É nesse ambiente que ocorre a escuta da relação professor-aluno, visto como um campo de singularidades de sujeitos que, no espaço escolar, se configura sob a nomeação de disciplina ou (in) disciplina escolar, constituindo, na atualidade, uma das preocupações mais emergentes do professor.

Vale pontuar aqui a noção de sujeito introduzida por Lacan. A formulação lacaniana de sujeito nos oferece como resposta à pergunta da hipótese do inconsciente, sem aniquilar sua dimensão fundamental de não-sabido. O inconsciente que Freud desvela fala do sujeito do desejo que, para Lacan, é um efeito de linguagem na submissão ao registro simbólico.

Lacan (1964) ao se aproximar os conhecimentos da psicanálise e da lingüística, inverte a estrutura do signo lingüístico proposto por Saussure (1916) e considera o

inconsciente estruturado como uma linguagem. É a partir disso, que Lacan (1960/1964) vai dizer que o sujeito só pode aparecer como efeito de significação entre S1 e S2 e que um significante representa o sujeito para outro significante já que ele não pode significar a si mesmo. O sujeito, portanto, não se esgota em um significante, mas emerge dos significantes dentro de uma cadeia.

Lacan (1978) introduz a idéia de que a fala tem uma função de escrita, isto é, de que ela pode ser lida, decifrada, que a partir da combinatória significante, produz sentido. A fala faz fazer operar na sua cadeia de palavras, o divórcio entre significante e significado e aí o sujeito do inconsciente emergirá nos tropeços da fala, nos atos falhados, nos chistes, nos sonhos etc. A fala, fala, mas esta é incompleta porque o sujeito falante sempre tem algo por dizer, a fala comporta um furo no dizer, um semi-dizer.

Na contemporaneidade o professor dirige-se para a sala de aula e questiona-se acerca de como administrar a dispersão, a falta de atenção e de interesse pelas atividades desenvolvidas em classe. Diante desse mal-estar no ambiente escolar, a *escuta psicanalítica* pode abrir um canal de comunicação, porque este instrumento da escuta envolve não só o sentido do ouvir, mas o de fazer uma leitura subjetiva do discurso, simbolizado pelo sujeito escutante.

Por este caminho, em que a escuta é vista essencialmente como instrumento de trabalho do professor, Kupfer diz:

Uma leitura que inclua o discurso social que circula em torno do educativo e do escolar (...) estará produzindo uma inflexão na ação do psicanalista e o levará a uma prática que não coincida mais com na clínica psicanalista "ortodoxa", pois ele terá de se movimentar o suficiente para ouvir pais e escola. Isso amplia o campo de ação do psicanalista, que passa a incluir a instituição escola como lugar de escuta (KUPFER, 2000. p.34)

Se a psicanálise pode contribuir, de alguma forma, com o campo da educação, terá de apontar para a necessidade de uma postura reflexiva sobre a tarefa de escutar, que supõe uma reconstrução a ser feita pelo professor junto ao aluno. Escutar é dar sentido ao espaço que cerca o aluno. Ao escutar os ditos e os não ditos, produz-se, amplia-se e repete-se o afeto prazeroso e desprazeroso e nesse processo de repetição pode emergir a criação.

Esse mundo desejanter, que habita diferentemente em cada sujeito, estará sempre preservado cada vez que um professor renunciar ao controle e aos efeitos de seu poder

sobre o aluno. *Matar o mestre – para falar, escutar e tornar o mestre de si mesmo – é uma lição que precisa ser ressignificada.*

Se por um lado, Freud, foi de fato, um antipedagogo, por várias razões, foi sim, um mestre da educação. Seu jeito peculiar de fazer teoria revelou a singular relação que tinha com o ato de pensar, falar e escutar. Freud pensou com a mente e com o desejo e talvez por isso a fala e a escuta tenham ocupado um lugar singular no seu modo de educar,

A psicanálise já encerra em si mesma fatores revolucionários suficientes para garantir que todo aquele que nela se educou jamais tomará em sua vida posterior o partido da reação e da repressão. Penso até mesmo que as crianças revolucionárias não são desejáveis, sob nenhum aspecto. (FREUD, 1976, v.22. p. 348)

As conexões da psicanálise e educação precisam ser ainda estabelecidas. Mas, talvez, desde já, a psicanálise possa possibilitar a educação um outro olhar, não narcísico, não tão etnocêntrico, mas um olhar em que o professor se coloca no lugar daquele que investiga daquele que questiona o saber fechado, previamente estruturado que a escola impõe.

Em meio a toda impossibilidade de se casar a psicanálise com a educação, é certo que ambas começam a se olhar. Nesse caso, estão abertas as portas para que esse saber tome lugar no espaço da escola, mostrando ao leitor o que podemos ver por detrás dele, sem, contudo, conduzi-lo para dentro, porque educar segundo Freud parece ser mesmo uma tarefa *difícil*.

Por esta via, é possível tentar percorrer uma trilha demarcando que a psicanálise foi e é influenciada pela cultura. É nesse contexto que a psicanálise é convidada a comparecer neste estudo, entendendo que esta engendra o desfiladeiro da cultura. A palavra cultura pode ser entendida como:

O resultado de tudo o que o homem produz para construir sua existência. No sentido amplo, antropológico, cultura é tudo o que o homem faz, seja material ou espiritual, seja pensamento ou ação. A cultura exprime as variadas formas pelas quais os homens estabelecem relações entre si e com a natureza. (ARANHA, 1996. p. 14-15)

Desse modo, pode-se resgatar que a psicanálise está presentes de mil maneiras na cultura e na vida cotidiana. Faz parte da cultura contemporânea, tanto no plano científico-filosófico quanto no efeito que esse estatuto teórico têm sobre o inconsciente, a sexualidade, o Édipo e a próprio mal estar da civilização.

A problemática da cultura constitui para a psicanálise um espaço em que as formações culturais apresentam os mesmos elementos e estruturas fundantes que vão engendrar a vida cotidiana do sujeito, sua palavra, verbo que se faz carne que engana e trama se tece e se aproxima do tecido social e contribui para que o sujeito se constitua.

É pelo significante cultura que é possível mapear pontos em que a psicanálise se engendra no contexto da sala de aula. Sabemos o quanto a sala de aula é produtora de relações transferenciais, do simbólico, real e imaginário que circula entre três elos os quais estruturam os atores da escola.

É a escola um espaço no qual a construção das relações afetivas acontecem, e ao mesmo tempo, é onde acontece a fala e a escuta. Uma fala se bem elaborada, pode ser escutada, trocada e analisada na prosa da sala de aula, na prosa da relação. É nesse lugar que se encontram os dois sujeitos: o professor e o aluno. Ambos os sujeitos são portadores de uma fala, de uma escuta e das palavras que os sustentam.

A psicanálise é como a imagem do tecelão, alguns fios parecem partidos, outros estão unidos desenhando em seu trajeto uma peça necessariamente interminável. Então, posso suspirar mais aliviada ante o esforço feito de encontrar na cultura um caminho por meio do qual a psicanálise se encontra, mesmo sabendo que a incerteza atormenta o laço possível.

Nos bastidores da pesquisa

A partir da delimitação do problema, o contexto escolhido para a coleta de dados foi uma escola situada na cidade de Salvador-Bahia. Os sujeitos que colaboraram com a realização desse estudo pertencem a uma classe do ensino médio, de ambos os sexos, encontrando-se na faixa etária de 16 a 19 anos.

A classe serviu de palco para que pudesse proceder a observação de vinte professores. Optou-se por escutar, mediante observação e entrevista desses professores. Em seguida foi acordado que a aula seria observada com base em três momentos distintos: recepção de chegada, durante a aula e conclusão da aula. Com relação ao tempo, esses momentos foram assim divididos: recepção de chegada (dez minutos), durante a aula (trinta minutos) e conclusão da aula (dez minutos).

Para proceder a análise dessas observações e entrevistas os registros de cada um desses momentos foram organizados em categorias descritivas o que permitiu uma

primeira leitura dos dados e em seguida as categorias teórico-interpretativas foram também construídas quando o referencial psicanalítico foi convidado para iluminar a análise.

A análise desse objeto (fala e escuta de professores em sala de aula) é do domínio de vários teóricos, mas para compreender a representação social de professores sobre fala e escuta, a psicanálise foi convocada a expor o modo pelo qual ela compreende essa relação. Para a construção teórica segui os passos da representação social que de mãos dadas com algumas formulações da psicanálise justificam os esforços de pedir a estas duas concepções teóricas que nos revelem algo do que têm a dizer sobre esse objeto.

Vale pontuar a fala de Moscovici:

Por representações sociais, entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossas sociedades, aos mitos e sistemas das sociedades tradicionais; podem também ser vistas, como a versão contemporânea do senso comum. (1978, p.181)

Os estudos desenvolvidos no campo das representações sociais nos últimos trinta anos, consensualmente reportam-se ao conceito trabalhado por Moscovici (1978) e tomam como referência seu estudo publicado em *La psychanalyse, son image et son public*.

A obra aponta para a dificuldade de conceituar as representações sociais, admitindo que, se por um lado o fenômeno é passível de observação e de identificação, por outro, o conceito, pela sua complexidade, requer um tempo de maturação para que a definição seja construída de modo consistente.

Nesse contexto, “numa primeira aproximação, podemos dizer que a construção do objeto de pesquisa é um processo pelo qual o fenômeno da representação social é simplificado e torna compreensível pela teoria, para a finalidade da pesquisa.” (SÁ, 1998. p.23)

Faz-se pertinente lembrar a proposição teórica de que uma representação social é sempre de alguém (sujeito) e de alguma coisa (objeto).

Esta afirmação pode ser representada pelo matema:

(S) professor

Representação Social

(O) fala e escuta)

Cada fala e escuta com suas ausências e presenças, parece ter produzido uma nova descoberta a partir das representações desveladas neste estudo. A fala e a escuta não têm um único sentido. A fala tem sempre um mais além. Atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer e, atrás do que quer dizer, há ainda um certo dizer. Já a escuta, não se refere aqui nessa pesquisa a audição, mas a escuta do corpo, do afeto, da atenção, da produção, da relação etc.

A fala de Jodelet expressa em certa medida a dimensão do conceito de representação social.

As representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais e integrando, ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, as relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal sobre as quais elas intervirão. (1994, p.41)

O próprio Moscovici, é um teórico de postura cognitivista e tem se preocupado com os aspectos afetivos e simbólicos e tem ampliado, em seus textos recentes a importância do afetivo nas representações sociais.

A pesquisa mostrou durante as observações e entrevistas que a fala e a escuta de professores em sala de aula estão enodadas em afetos de **sedução, relação transferencial, ambivalência, repressão e frustração** observadas nos momentos de recepção de chegada, durante a aula e de conclusão da aula.

A *sedução* foi observada no momento de recepção de chegada e se reatualiza na relação pedagógica porque, dada a assimetria existente entre professor e aluno, remete à polaridade inicial entre um que sabe – suposto – saber do professor – e um que não sabe e quer saber o aluno.

A relação pedagógica entre um que detém o saber – o professor e o outro que quer saber – o aluno, reproduz a relação originária que é a própria relação de sedução: o aluno atualiza conflitos edipianos na sala de aula, onde a autoridade cindida do

professor personifica o conhecimento, ocupando o lugar superegóico da lei e da ordem – da onipotência das figuras parentais introjetadas.

O processo de sedução na relação pedagógica fundamenta-se na vinculação erótica à autoridade professoral – atualização do vínculo original pré-edípiano de identificação. Pode-se auxiliar ou obstaculizar o processo educativo do aluno, obstaculiza-o quando o professor assume contratransferencialmente o lugar da autoridade primordial, colocando-se no lugar da lei e da ordem e no lugar do conhecimento. Ao assumir esse lugar, não cumpre sua função de mediador, pois o aluno fica vinculado a ele e não ao saber. (MORGADO, 1995. p.35)

Na relação transferencial, observou-se que o aluno reconhece o saber do professor e este faz semblante, isto é, parece evidenciar que sabe e é essa a singular contribuição que a relação transferencial pode oferecer para a educação, que o aluno, diante da sua castração (não saber), possa encontrar no saber do professor um caminho para seu processo de crescimento, considerando que o sujeito procura no outro o saber sobre aquilo que lhe falta.

Freud chega a afirmar que a relação transferencial está presente também na relação professor-aluno. Para ele trata-se de um fenômeno que permeia qualquer relação humana. É isso o que nos autoriza a substituir a expressão “relação analista – paciente” pela expressa “relação professor-aluno” (KUPFER, 2001, p. 88)

Os afetos enodadas na relação transferencial foram reveladoras de que a ênfase dada as relações professor-aluno não estavam apenas no valor dos conteúdos transmitidos, mas sobretudo nas relações afetivas e de saber estabelecidas entre estes atores e é neste momento que a fala do professor ganha força, passando assim a ser escutada.

Um outro afeto observado nas falas dos professores foi a *repressão*. Chemamá, falando de repressão diz: “Qualquer impulso, fora da consciência, de um conteúdo representado como desprazeroso ou inaceitável: ação do aparelho psíquico sobre o afeto” (MORGADO, 1995. p. 192)

Vale salientar que estas vozes, simbolizadas nas falas do professor, são carregadas de conteúdos afetivos desprazerosos para, possivelmente, modificar a posição subjetiva da classe. O professor parece querer que os alunos aprendam a encontrar um lugar para que possa se aproximar de uma desejada disciplina com vistas a atingir seus objetivos pedagógicos.

A ambivalência, muitas vezes, é apresentada com certo mal-estar e desvela a dificuldade que o professor tem enfrentado em lidar com o novo, com o diferente em sala de aula. Superar este mal-estar implica que o professor no cotidiano da sala de aula sustente o sentido simbólico da ambivalência na relação pedagógica e possa construir representações que forneçam o encontro da escuta desses discursos, para entender as marcas do desejo que circulam entre estes e aqueles.

Frustração também expressa um afeto que se evidenciou nas entrevistas dos professores. A fala a seguir é ilustrativa dessa representação: *“Sinto-me por baixo quando me esforço para ensinar e vejo que os resultados estão abaixo da média.”* Pode-se dizer que a frustração é um estado do sujeito que se acha impossibilitado de obter o objeto de prazer que deseja. Os discursos dos professores são reveladores de o quanto o professor expressa o desejo de algo que lhe falta: os resultados desfavoráveis podem ser entendidos como a insatisfação do professor devido à recusa do aluno em atender uma exigência libidinal.

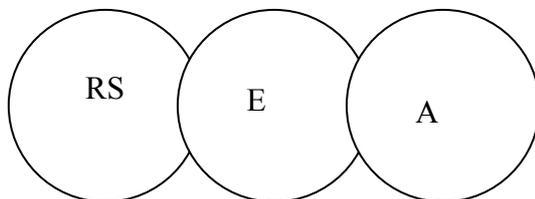
Portanto, a fala e a escuta de professores em sala de aula encontram-se ancoradas em representações de sedução, relação transferencial, ambivalência, repressão e frustração. São representações sociais carregadas de afetos da cor de Eros e Thanatos. O mestre da psicanálise ajuda a escutar o construto afeto: “um dos estados emocionais, cujo conjunto constitui a gama de todos os sentimentos humanos, do mais agradável ao mais insuportável.” (FREUD, 1894, p. 124) Ou seja, afeto tanto pode estar no campo do prazer como do desprazer. Ambos se tecem e estruturam o sujeito.

É possível dizer que as falas dos professores são marcadas de falas que expressam afetos de frustração que implicam falta, ou seja, falta algo, há um obstáculo que precisa ser revisto. É possível dizer que a fala dos professores da pesquisa é permeada de frustração porque seus objetivos disciplinadores e pedagógicos não são alcançados. É uma insatisfação que bordeja seu trabalho pedagógico, denuncia a não escuta do aluno, o professor assim busca encontrar o objeto perdido...

Quase concluindo

Enquanto pesquisadora, me constituo, enquanto sujeito da falta e me coloco no lugar também de sujeito da fala e da escuta e corro o risco de não poder na sua completude enodar educação, representação social e afeto, mas sinto-me (in)satisfeita de

tentar dar forma a esse desejo, na busca de amarrar, desatar e amalgamar os fios quebrados das linhas do bastidor para tecer o teórico e o empírico. O gráfico a seguir revela simbolicamente como deve ser constituído esse enlace:



Enlaçar educação, representação e afeto é ousar a uma escuta de interface que deve ser construída nas relações do processo educativo que acontece na escola. Esse tripé possibilita pensar o processo ensino/aprendizagem e sua interseção com os dois sujeitos: professor e aluno. Ambos trazem para o contexto escolar seus afetos que podem ser manifestos e latentes.

Pode-se pensar que esses afetos emergiram porque revelaram-se em ato. Este ato foi conduzido pelo pesquisador, que, na observação e na escuta, tentou fotografar algumas imagens, mesmo que tênues, da escuta da fala do professor em sala de aula, uma vez que revelaram, ainda que inconscientemente ser ele mesmo o sujeito da falta, sujeito do desejo.

Construímos, como educadores, nossas próprias representações e, em razão delas, orientamos nossas atividades e as impomos ao aluno, na suposição de que sabemos o melhor para ele. Conhecer as representações sociais dos professores constituiu uma boa trilha para nos ajudar a alcançar maior visibilidade do quanto a fala e a escuta em sala de aula podem contribuir na eficácia do projeto pedagógico na escola. Faz-se necessário uma fala crítica no interior da escola, que busque o caminho dos significados e significantes, em que o professor e o aluno troquem, refaçam sentidos e permita que surja uma nova fala, uma nova escuta, para que o sabor da relação constitua-se e o saber seja uma tarefa que se possa ensinar e aprender.

Bordando essa pesquisa com fios simbólicos os resultados apontam que a fala e escuta de professores estão ancoradas em representações de sedução, relação *transfereencial*, *repressão e frustração*.

Estes achados, sem dúvida, representam um avanço no conhecimento sobre a temática, na medida em que apontam alguns elementos essenciais das falas e escuta de professores em sala de aula. No entanto, ao mesmo tempo, tornam cada vez mais

precisa a necessidade de transpor o nível de constatação, seja do que se passa no cotidiano da sala de aula, seja do que ocorre no imaginário do professor e do aluno. Faz-se necessário refletir como e por que essas falas e escutas são construídas e ressignificadas.

Construímos, como professores, nossas próprias representações e, em razão delas, orientamos nossas atividades e as impomos ao aluno, na suposição de que sabemos o que é melhor para ele. É possível que em certa medida a psicanálise possa contribuir para que o professor faça um bordado da fala e da escuta em sala de aula, estas são permeadas de afeto e que o avesso e o direito do bastidor revele a cor, o matiz e as linhas utilizadas e se sejam simbolizadas na fala do autor:

Vamos bordando a nossa vida, sem conhecer por inteiro o risco; representamos o nosso papel, sem conhecer por inteiro a peça. De vez em quando, voltamos a olhar para o bordado já feito e sob ele desvendamos o risco desconhecido [...] (SOARES, 1990. p. 25)

Como todo investimento libidinal, parece-me que o debate não está suspenso, há arquivos incandescentes a serem achados, ajustados, arremates a serem feitos, uma vez que me constituo no lugar do sujeito da fala. Confesso que gostaria de continuar escrevendo sobre essa temática, uma vez que o escrever necessita sempre recomeçar. Mas, talvez, esta escrita não acabasse, não tivesse medida e, possivelmente, seria uma simples repetição. Como remédio ou até como *receita* prefiro tentar tirar alguns véus e, quem sabe, troco a repetição por um ato de criação. E começo de novo... porque quando alguém fala fica claro...

Referências:

- ARANHA, M. L. de. **A filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 1996.
- BARTHES, R. **A aula**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BIRMAN, J. **Mal estar na atualidade – A psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CHARLOT, B. **A relação com o saber e com a escola**. Paris: VIII, 1992 (mineo)
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- FREUD, S. **Obras completas**. v. 3,7,9,10,22, CD ROM. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- KUPFER, M.C. **Educação para o futuro; psicanálise e educação**. São Paulo: Escuta, 2000.
- JODELET, D. **Lês Repretentations sociales**. Paris: Presses, Universitaire de France, 1994.
- _____. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Spione, 2001.
- LACAN, J. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1978.
- _____. **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- _____. **O Seminário 8: A transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1960.
- _____. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964.
- LAJONQUIÈRE, L. **Infância e ilusão (psico) pedagógica: escritos de psicanálise e educação**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- LAURENT, D. **O lugar da psicanálise na instituição**. Belo Horizonte: MG, 1998.
- MORGADO, M.A. **Da sedução na relação pedagógica: professor-aluno no embate com afetos inconscientes**. São Paulo: Plexus, 1995.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- OUTEIRAL, J.; CEREZER, C. **O mal-estar na escola**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.
- POSTIC, M. **O imaginário na relação pedagógica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

SÁ, Celso. **Construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Edurj, 1998.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOARES, M. **Metamemória – Memórias: travessia de uma educadora**. São Paulo: Cortez, 1990.